Breves considerações sobre *O conceito de ironia*, de Søren Kierkegaard

JACQUELINE OLIVEIRA LEÃO*

Como toda filosofia inicia pela dúvida, assim também inicia pela ironia toda vida que se chamará digna do homem.
Kierkegaard

Resumo

Este ensaio intenta discutir sobre o conceito de ironia em Søren Kierkegaard. Além disso, objetiva demonstrar a relação entre pensamento e palavra, proposição e significado em relação à própria ironia.

Palavras-chave: Ironia; Kierkegaard; Subjetividade.

Abstract

This essay intends to discuss the concept of irony in Søren Kierkegaard. Furthermore, it aims to demonstrate the relationship between thought and word and meaning and proposition in relation to the irony itself.

Key words: Irony; Kierkegaard; Subjectivity.

* **JACQUELINE OLIVEIRA LEÃO** é Doutora em Literatura Comparada pela UFMG, Pós-Doutora em Estudos Literários pela UFMG e docente no Programa de Pós-Graduação (FEAD); docente e pesquisadora institucional da FAMINAS-BH.

O texto que ora se tece persegue uma perspectiva ensaística, e tem como principal objeto a análise, a leitura, de *O conceito de ironia*[1] [na verdade, a Dissertação de Mestrado, defendida em 1841], de Søren Kierkegaard. Daí decorre o seguinte questionamento: como entender a relação irônica entre interioridade e exterioridade, pensamento e palavra, proposição e significado?

O entendimento da concepção de ironia em Kierkegaard é base para o estudo de sua dialética, principalmente, nas obras que compõem o estádio estético. Para Muecke (1995, p. 46-47), a ironia é o eixo que orienta e articula as discussões e os pontos de vista da filosofia existencial kierkegaardiana, pautada nas determinações subjetivas do indivíduo em particular: por isso, é impossível ser irônico de tempos em tempos ou em determinadas situações para ser, apenas, admirado como ironista.

Por outro lado, para os leitores de Kierkegaard, talvez, a grande dificuldade encontrada no entendimento do conceito de ironia refira-se à ampla carga semântica intrínseca à própria ironia. Essa palavra, que carrega diversas possibilidades de interpretação, de incertezas significativas e ambíguas, quando aplicada no uso corrente da linguagem, estabelece uma relação inesgotável de hiperonímia entre termos que se confundem com dissimulação, hipocrisia, fingimento e mentira.

Já sob o ponto de vista de Kierkegaard (1991), a ironia configura-se no mal-entendido, na dualidade entre o fenômeno e o conceito. O início da ironia [e o seu próprio esgotamento] manifesta-se em Sócrates pelo silêncio da pergunta sem resposta. A ironia é a determinação da subjetividade, pois, com Sócrates, a subjetividade sobrepôs o seu direito na história universal, elevando-se à segunda potência, *subjetividade da subjetividade* ou à *reflexão da reflexão*: a realidade tomou consciência da ironia declarada, nitidamente, como ponto de vista.

Além disso, Kierkegaard também afirma que, para Sócrates, a realidade substancial perdera o valor, passando a ser, cada vez mais, irreal, infinitamente irônica, fato que levou o filósofo grego a ser estrangeiro para si mesmo, a ter sempre comportamento estranho, caricatural, diante da realidade dada. Nesse sentido, imbuído do comportamento irônico, configurado pela subjetividade dialética (jogo de movimento infinito com a realidade), Sócrates fingia ser ignorante, fingia nada saber no intuito de ensinar os outros e combater o helenismo, arruinar, indiretamente, a ordem existente. Contudo, é tão irônico "fingir saber quando se sabe que não sabe, como fingir não saber quando se sabe que se sabe" (KIERKEGAARD, 1991, p. 218).

Vale o registro de que a atuação docente de Sócrates era informal, sem qualquer semelhança com a ação dos sofistas, pois ele acreditava que sua missão de *parteiro* da verdade fora outorgada por Delfos. A prática da maiêutica, voltada para o *conhecimento de si mesmo*,

[1] Para este estudo, veja-se: KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de ironia**. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

propiciava aos seus interlocutores a realização do *trabalho de parto da verdade*, levando-os a buscar, através da razão, o significado das palavras de seus próprios discursos. O discurso socrático não se fazia representar objetivamente pela ideia, pois o dito correspondia a significados diferentes ou opostos, passíveis de múltiplas interpretações, já que "o exterior não estava absolutamente numa unidade harmônica com o interior, mas antes era o contrário disto" (KIERKEGAARD, 1991, p. 25).

Dessa forma, a ironia manifesta-se no momento em que a palavra (fenômeno) se mostra em oposição ao pensamento (essência), e, no jogo irônico, o sujeito é negativamente livre, pois o enunciado não corresponde ao seu pensamento, sendo, ao contrário, distorcido do sentido imediatamente pretendido. A definição mais apropriada de ironia, segundo Kierkegaard (1991, p. 215), é "figura do discurso retórico, cuja característica está em se dizer o contrário do que se pensa". Contudo, o conceito de ironia não se apresenta de forma sistematizada, devido à inconsistência da linguagem e à re-significação do próprio conceito ao longo da história universal. A ironia permanece na sua expressão mais simples como estratégia dicotômica da enunciação implicada no caráter de significação oposto ao que é dito.

Além do mais, se todas as concepções de ironia se encontram subordinadas à ironia em si, a aceitação do conceito formulado por Kierkegaard não encerra a dimensão significativa da ironia, pois, o pensamento irônico diz mais do que o pensamento objetivo é capaz de explicitar. Por outro lado, a ironia, como extensão do ponto de vista reflexivo e crítico do sujeito diante da realidade que o circunda, atesta a própria incapacidade da linguagem em representar qualquer experiência centrada na realidade dada, pois, por trás do papel, não existe o mundo real, mas a imensidão que se dá além da escritura, além do livro.

Ademais, a ironia, às vezes, sobrepõe-se a si mesma quando o sujeito pressupõe ter sido compreendido. Nesse caso, pressupõe-se a relação idêntica entre a sua palavra e o seu pensamento. Entretanto, se de fato o enunciado corresponde à opinião implícita ou explícita do sujeito, a coisa dita representa, identicamente, o pensamento. Dito de outro modo, o interlocutor compreende o enunciado, o sujeito encontra-se positivamente livre, amarrado por suas palavras, tanto em relação a si mesmo, como em relação aos outros, porque solucionado o enigma, a ironia anulou a si mesma, foi superada.

De modo geral, pode-se afirmar que o discurso comum difere, e muito, do discurso irônico, à medida que, no primeiro, busca-se a relação de verdade entre a palavra e o pensamento, ou seja, a identificação entre a essência e o fenômeno. Dessa forma, pode-se dizer também que se houvesse o pensamento sem a palavra, não haveria o pensamento, e, se houvesse a palavra sem o pensamento, também não haveria a palavra. Essa linha de raciocínio alude a Platão ao associar verdade e identidade: "todo pensar é um falar" (KIERKEGAARD, 1991, p. 215). Logo, o sujeito que se submete ao jogo irônico angustia-se diante da descoberta de que a realidade não tem um sentido único ou não é imediatamente legível.

Corriqueiramente, para Kierkegaard, a ironia consiste em dizer, em tom sério, o que não é pensado seriamente, embora, de forma mais rara, seja possível lançar mão da retórica irônica ao dizer algo sério em tom de

brincadeira. De ambas as maneiras, a ironia é arte sedutora, encerrando algo de enigmático, paradoxalmente, revelador. Por outro lado, a ironia pode assumir, às vezes, certo aspecto de nobreza ao se permitir ser compreendida indiretamente e com dificuldade. Contudo, ainda que rebaixada à categoria de discurso simples, a ironia "viaja na carruagem de um incógnito e desta posição elevada olha com desdém para o discurso de um pedestre comum". (KIERKEGAARD, 1991, p. 216)

Acredita Kierkegaard que, ao longo da existência, o indivíduo depara com saberes pretensiosos e sem conteúdo. Assim, jogar ironicamente com o saber adversário, elevando-o cada vez mais é a decisão mais acertada. Cabe ao irônico, pois, ou passar a se identificar com a suposta desordem que ele quer combater, ou desfrutar a relação de oposição, mas, sempre, consciente de que sua aparência é o contrário do seu pensamento. Aqui, a ironia do jogo discursivo é, justamente, parecer aprisionado na própria idéia que mantém o outro preso. É nessa perspectiva que afirma Kierkegaard (1991, p. 217): "E quanto mais o irônico tiver sucesso com a fraude, quanto melhor aceitação sua moeda falsa tiver, tanto maior será sua alegria. Mas ele saboreia esta alegria sozinho e tem todo o cuidado para que ninguém perceba sua impostura".

Nesse sentido, ainda, pode-se entender que o maior prazer do irônico, seu grau máximo de alegria é manejar os pontos fracos do outro, tê-lo em seu poder, manipulá-lo como títere, mexendo os cordões conforme deseja. Ironicamente, Kierkegaard (1991, p. 218) destaca:

> É curioso que os pontos fracos das pessoas, mais do que seu lado bom, se assemelham aos acordes que podem ser provocados tocando de uma certa maneira; aqueles parecem ter uma necessidade natural em si, enquanto nos perturba tanto que os lados bons sejam submetidos a tantas inconseqüências.

Por outro lado, mostrar-se como figura de oposição é também característica da ironia. Dessa forma, são comportamentos extremamente comuns do irônico: aparentar-se simplório demais; jogar falso, rebaixando-se para exaltar a suposta sabedoria do outro; ser o verdadeiro ingênuo e, ao mesmo tempo, mostrar-se tão interessado em aprender – que o outro, supostamente, dono da ironia, sente mesmo grande alegria em deixá-lo "dar uma olhada nos seus vastos terrenos, diante de um entusiasmo sentimental e lânguido". (KIERKEGAARD, 1991, p. 218).

A tolice irônica coloca a ironia no movimento contínuo de duplicidade: o irônico, parecendo ser simplório, ser honesto e ser sincero, capta o entusiasmo sublime do outro. Logo, quanto menos irônico se aparenta ser, mais a ironia é elevada, pois o irônico, escondido em sua interioridade, incógnito, mantém-se ainda mais livre para encenar, embora sempre permaneça consciente e distante do próprio jogo da encenação.

Ironizar não é o mesmo que dissimular, mas comumente a palavra ironia absorve o sentido de dissimulação e fingimento, levando à dúbia interpretação[2]. A dissimulação é

[2] Aristóteles, contudo, talvez porque tivesse Sócrates em mente, considerava a *eironeia*, no sentido de dissimulação autodepreciativa, superior a seu oposto, a *alazoneia*, ou dissimulação jactanciosa. A modéstia, ainda que apenas simulada, pelo menos, parece melhor que a ostentação. Mais ou menos na mesma época, a *eironeia*, que a princípio denotava um modo de comportamento, chegou também a ser

mistificação, o ludibriar finito em frente do objeto. A ironia é necessidade de ser outro em determinada circunstância, porém com infinitude poética, com arte. Ressalte-se, pois, o sedutor, Johannes[3], que, no ápice de sua ironia, de sua arte de sedução, desencaminhou totalmente Cordélia, sentindo-se livre dentro da realidade individual por ele criada.

Por outro lado, Kierkegaard ressalta que a diferença essencial entre ironia e dissimulação é que a conduta dissimulada denota ato objetivo, pois tem objetivo exterior, desvinculado da própria dissimulação. Já a ironia é imanente a si própria, é gozo subjetivo, prazer desfrutado à medida que o sujeito se liberta da realidade ao qual está vinculado, porque o irônico se isenta de qualquer intenção imediata, de qualquer fim em si mesmo. A exigência da ironia é que se viva poeticamente, poetizando a si mesmo.

Além disso, o irônico, ao conseguir impor veracidade à sua dissimulação, atuar na realidade encenada por ele, sente-se livre. Essa liberdade é concedida por força da ironia, mas é impossível categorizar, ante a postura irônica, os limites do certo, do verdadeiro, do absoluto e do definitivo, pois o irônico nada pode garantir, a não ser, paradoxalmente, a sua própria postura irônica, tal postura se dá pelo convencimento, de comoção, de percepção, jogo cujo resultado é efeito causado no outro.

Se a liberdade concedida pela ironia é o viver poeticamente, o comportamento irônico pode-se identificar com o comportamento hipócrita, à medida que a ironia se apresenta com o exterior em oposição ao interior. O hipócrita, porém, para Kierkegaard, tem incutido o sentimento da maldade, embora se esforce por parecer bom. Ao irônico, só interessa parecer diferentemente do que é, escondendo *sua brincadeira na seriedade* ou *sua seriedade na brincadeira*, princípio que, até certo ponto, se confunde com escárnio. A ironia situa-se, somente, no campo metafísico, porque determinações morais como bondade ou maldade são a rigor, "demasiado concretas para a ironia". (KIERKEGAARD, 1991, p. 223).

Além do mais, se na concepção irônica, o "tudo se torna o nada; mas o nada pode ser tomado de várias maneiras" (KIERKEGAARD, 1991, p. 224), a ironia, como dito, é determinação subjetiva, estando o sujeito *negativamente livre* do vínculo com a realidade dada. Certamente, o irônico se acerca de infinitas possibilidades a serviço da ideia, mas sempre imerso na reflexão e sem usar de ironia consigo mesmo. Por outro lado, se o irônico notar que sua existência se tornou nada, poetizará isso também, porque esta é a mais nobre posição ou colocação poética preconizada pela ironia. A ironia se dá, ao mesmo tempo, em toda parte, ratificando cada traço individual, desfazendo os excessos e os defeitos, para que se tenha o verdadeiro equilíbrio na *relação microcósmica* da poesia que gravita em torno de si mesma. "Quanto mais a ironia se fizer onipresente, mais livre e poeticamente o poeta flutuará suspenso sobre sua obra poética, a ironia liberta ao mesmo tempo a poesia e o poeta". (KIERKEGAARD, 1991, p. 275). Ressalta o autor dinamarquês:

---

aplicada a um uso enganoso da linguagem. E *eironeia* é, atualmente, uma figura retórica: censurar por meio de um elogio irônico ou elogiar mediante uma censura irônica". (Cf. MUECKE. **A Ironia e o Irônico**, p. 31).

[3] Veja-se: KIERKEGAARD, Søren. **O diário de um sedutor**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

> O que às vezes custa tempo ao irônico é o esmero que ele emprega para vestir a roupagem correta, adequada à personagem que ele mesmo inventou de ser. Neste aspecto o irônico entende do assunto e possui um lote considerável de máscaras e fantasias à sua livre escolha. (KIERKEGAARD, 1991, p. 244).

Diante do todo exposto, por fim, pode-se dizer que, em *O conceito de ironia*, Kierkegaard redimensiona o jogo entre palavra e ideia, poética e ironia, transformando a própria escrita em instrumento de rebeldia, processo de libertação, de afirmação perante os seus questionamentos de ser no mundo. A ironia kierkegaardiana define-se por discurso retórico em que o sentido é o contrário do que se pensa, embora o conceito de ironia não seja sistematizado devido à inconsistência da linguagem e à re-significação do próprio conceito ao longo da história universal, permanece na sua acepção mais simples, esse significado de oposição ao que é dito. A raiz da ironia de Kierkegaard é socrática e alcança, sobretudo, as relações contextuais de suas escritas estéticas. Do jogo estético emerge a idéia, o juízo, o engajamento da imaginação com o real, mas, também ao estético vincula-se a coisa dada, a burla, o fingimento, a própria ilusão. A estética de Kierkegaard é irônica, recortada pelo jogo livre da imaginação, jogo esse dissolvido em possibilidades existenciais fictícias.

Referências

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de ironia**. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

KIERKEGAARD, Søren. **O Diário de um sedutor**. Trad. Carlos Grifo. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

LEÃO, Jacqueline Oliveira; CURY, Maria Zilda Ferreira. A escrita autoficcional do *Diário do sedutor*, de Søren Kierkegaard. In: ALMEIDA, Jorge Miranda de; LIMA, Fransmar Costa (ORGS.). **Subjetividade, filosofia e cultura**. São Paulo: LiberArs, 2011.

MUECKE, D. C. **Ironia e o Irônico**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, p.46-47, 1995.

Recebido em 2013-05-01
Publicado em 2013-05-13